

A Ética Jornalística em “O Quarto Poder” (1997) de Costa-Gravas

Flávio Rubinger Serra¹

Resumo

A ética é um tema fundamental para o bom funcionamento de uma sociedade. Baseado nessa realidade, este artigo destina-se a discutir a questão da ética jornalística a partir de sua representação no cinema de ficção norte-americano. O objetivo é analisar o filme “O quarto poder”, de Costa-Gravas, que tem a ética jornalística como um de seus temas principais, traçando um paralelo entre essa produção, a realidade da profissão de jornalista e suas questões diretas de credibilidade na divulgação da informação.

Palavras-chave: *Comunicação - Jornalismo - Cinema - Ética - Credibilidade*

Ações e atitudes éticas em todos os níveis da sociedade ajudam na melhor educação dos seres humanos e no desenvolvimento dos mesmos. A ética deve ser entendida como um conjunto de princípios básicos que visa disciplinar e regular os costumes, conceituando deveres e estabelecendo regras de conduta do indivíduo no desempenho de suas atividades profissionais e no seu relacionamento com as demais pessoas que formam a sociedade ao seu redor. Sendo assim, entende-se por princípios éticos as ideias básicas que devem nortear o comportamento dos seres humanos, mas ao contrário do que ocorre com a lei, nenhum indivíduo pode ser compelido pelo estado ou por outros indivíduos a cumprir as normas éticas, nem sofrer qualquer sanção pela desobediência das mesmas. Conforme observa Rogério Christofolletti: “A ética é o pensamento sobre as regras e nossas relações com o mundo: se vamos ou não acatar as normas, e por que fazemos uma coisa e não outra”. (Christofolletti, 2008:16). Ainda se falando sobre ética, Christofolletti diz que:

Tem duas dimensões: uma individual e outra social. Na primeira, são mobilizados os valores pessoais, cultivados pelo indivíduo, suas convicções morais. Na segunda dimensão, operam os valores que absorvemos dos grupos sociais que frequentamos (família, trabalho, amigos, escola, igreja, por exemplo), manifestam-se as vontades e julgamentos coletivos (Christofolletti, 2008:17).

¹ Aluno do Curso de Graduação em Jornalismo na Universidade Anhembi Morumbi, bolsista de Iniciação Científica com a pesquisa “Ética Jornalística no Cinema Norte-Americano”, sob a orientação do Prof. Dr. Rogério Ferraraz. Tem graduação em Relações Internacionais pela Unisul (SC).

Dentro do mercado de trabalho, a maioria das profissões possui o seu próprio “Código de Ética Profissional” formado pelo agrupamento de normas morais obrigatórias pelas quais o indivíduo deve orientar o seu comportamento na atividade que exerce. No jornalismo, sendo a informação considerada um bem público, a notícia deve ser tratada dentro dos princípios da conduta ética e profissional. A sociedade espera receber como produto final do jornalista a informação com base na veracidade dos fatos aliada a uma opinião confiável. De acordo com Christofolletti: “Para um jornalista, abandonar o compromisso com a verdade não é um deslize, é uma falha ética e grave” (Christofolletti, 2008:11). Com esse argumento, o autor complementa: “A ética no campo do jornalismo deve preocupar não só quem produz informação, mas também quem a consome” (Christofolletti, 2008:12).

Cabem aos editores, repórteres, aos profissionais que compõem a redação como um todo, definir o que é notícia e mostrá-la de forma verdadeira e clara, deixando de lado suas convicções ideológicas para refletir no texto apenas o que foi apurado. A notícia como mercadoria pode e deve ser tratada dentro dos princípios da conduta ética e profissional, tendo como objetivo, oferecer boa qualidade de informação e satisfazer às necessidades de consumo dos leitores, ouvintes, telespectadores, com um produto fidedigno.

O compromisso fundamental do jornalista com a veracidade dos fatos e com o seu trabalho parecem nem sempre estarem pautados diariamente, em todos os meios de comunicação, pela precisão da apuração dos acontecimentos e sua correta informação. A briga diária pela notícia, pelo furo de reportagem, e a guerra pela audiência podem levar a situações em que o jornalista se afasta da conduta ética e oferece ao público uma informação de caráter duvidoso e de má qualidade. A imprensa funciona, aqui, como negócio, uma das peças de conglomerados e redes, que muitas vezes incorrem na falsificação de informações e na subserviência política. Os jornalistas que fazem parte desse sistema, caracterizado pela ausência da ética, deixam de ser aqueles que “militam no jornalismo” para tornarem-se aqueles que “trabalham na mídia”. Philip Meyer acredita que: “Atualmente os jornalistas estão eticamente confusos. Suas atitudes em relação às implicações morais de seu trabalho variam da humildade à arrogância, da insensibilidade total à hipersensibilidade” (Meyer, 1989:18). Ainda segundo o autor:

Ter uma lista de comportamentos não éticos para tirar de uma gaveta e examinar quando uma decisão deve ser feita não é de muita ajuda se a decisão envolve uma escolha na qual ao menos uma das advertências

da lista será violada não importa o que você faça. E o mundo real coloca a todos - particularmente jornalistas, parece - exatamente nessas situações de conflito (Meyer, 1989:39).

Os desvios de interpretação em uma reportagem, notícia, entrevista, na construção de um texto, podem ter vários motivos: o desejo de autopromoção do profissional de um determinado meio de comunicação, a briga pelo “furo de reportagem”, a necessidade de transformar uma pauta “morna” em algo mais interessante na briga pela audiência ou por mais leitores, a mudança de rumo dos fatos, a manipulação dos mesmos, dentro dos outros. Embora cada uma das razões citadas sejam diferentes, todas representam desvios de conduta ética jornalística.

JORNALISMO E CINEMA

Por ser um meio de comunicação de massa voltado a um grande número de receptores, o cinema por diversas vezes apresentou obras de ficção que trazem roteiros que discutem, de forma direta ou não, a ética no jornalismo ou a ausência da mesma. Nesse contexto de filmes sobre jornalismo pode-se destacar a indústria cinematográfica norte-americana, como uma das mais importantes, devido às grandes empresas que financiam a produção e distribuição dessas obras de ficção ao redor do mundo. Filmes como “A montanha dos sete abutres” (1951), de Billy Wilder, “Todos os homens do presidente” (1976), de Alan J. Pakula, “O quarto poder” (1997), de Costa-Gravas, “O informante” (1999), de Michael Mann, entre outros, que têm como um dos seus focos a ética jornalística, podem ser tomados como referências para possíveis discussões envolvendo esse tema. Mesmo com o passar dos anos, essas obras cinematográficas são constantemente assistidas e discutidas, não somente como entretenimento, mas também como poderosas fontes de informação e conhecimento em torno da profissão do jornalismo e da importância da ética na mesma. Como destaca Stella Senra:

Tanto no cinema quanto no jornalismo, os dispositivos técnicos, os recursos narrativos ou de linguagem foram desenvolvidos, cada um a seu modo, a serviço de uma mesma “transparência” de registro que assegurou, para o jornal, a afirmação da sua objetividade e para o cinema, a insistência na verossimilhança das suas imagens (Senra, 1997:38).

Seguindo nessa afirmação, a autora complementa:

Mas para captar mais de perto esta mútua preferência, ou para destacar de modo mais claro o sentido desta inclinação do cinema pelos temas ligados ao jornalismo, devemos considerar ainda as duas ordens de narrativa - a jornalística e a cinematográfica - e o seu papel na articulação da personagem e do fazer jornalístico (Senra, 1997:39).

Quando se fala de jornalismo no cinema, os mais elevados princípios e os mais nobres estereótipos do jornalista dão lugar a variadas representações. Se levarmos em consideração a imagem dos jornalistas ou da imprensa em geral no cinema, podemos visualizar o seu poder de influência na formação da opinião pública e o lugar estratégico que ocupam no contexto das tramas sociais, econômicas e políticas. Sucessos de bilheteria ou não, os filmes carregam em suas cenas representações de um jornalismo que tem o poder de influenciar a sociedade e até mesmo os governos. Além disso, denunciam também a própria imprensa diante da sua falta de capacidade de se autocriticar. Quase sempre as atitudes dos jornalistas exibidas na grande tela depõem contra a sua dignidade. Os conflitos ideológicos, afetivos e políticos no espaço da comunicação vêm de longa data, antecedem à própria imprensa, e os grandes filmes sempre estiveram atentos a essa realidade. Nesse ponto, o cinema norte-americano realizou, e ainda hoje produz, obras que, seguindo o enfoque sobre a personalidade e o comportamento dos jornalistas, discutem o papel da imprensa na sociedade. Para Christa Berger:

Ainda que grandes filmes de jornalista foram, também, produzidos na Itália, no Brasil, na França e na Alemanha, ninguém soube traduzir tão bem o imaginário coletivo que associa a profissão à investigação, à aventura, à independência, ao arrojo, e, igualmente, ao cinismo, à falta de escrúpulos, à arrogância, como o cinema americano. Com sua vocação à heroização dos personagens, o jornalista encontra terreno fértil para se desenvolver como uma variável dos dois heróis clássicos do cinema americano em que estas características desabrocharam - o cowboy e o policial (que se prolonga ou desdobra no detetive). Nos três, a marca é a atuação individual, entendida como ação de sujeitos em que as qualidades pessoais são ressaltadas (Berger, 2002:17).

Essa representação do jornalista como herói pode ser vista, por exemplo, em dois filmes americanos muito importantes e cada um com sua relevância de acordo com a época de seu lançamento, “Todos os homens do presidente” e “O informante”. No primeiro, temos apresentada a história real dos dois jornalistas do “Washington Post”, interpretados por Robert Redford e Dustin Hoffman, que investigaram o escândalo de “Watergate” e descobriram uma rede de espionagem e lavagem de dinheiro, o que acabou por levar à renúncia do então presidente dos Estados Unidos, Richard Nixon. Já em “O informante”, vemos a luta de um produtor de TV, interpretado por Al Pacino, para colocar no ar uma entrevista sobre a adulteração da nicotina pela indústria do tabaco. Seguindo o contexto dos heróis clássicos do cinema americano, pode-se levantar a hipótese de que temos representados, nesses dois filmes, a figura do policial ou detetive (os dois jornalistas do “Washington Post”) como prestadores de serviço público e o cowboy (produtor de TV

interpretado por Al Pacino) que em muitos roteiros abdica de seus próprios interesses em prol da justiça social.

Por outro lado, se tomarmos como referência, outras duas obras americanas igualmente relevantes para a representação do jornalismo no cinema, “A montanha dos sete abutres” e “O quarto poder”, teremos o oposto, ao invés do jornalista apresentado como herói, veremos a sua personificação como vilão. No filme de 1951, temos a história de um repórter (interpretado por Kirk Douglas) que, buscando recuperar o prestígio perdido na profissão, manipula as autoridades de uma pequena cidade americana, a opinião pública e a mídia, em torno da cobertura jornalística do caso de um homem que ficou soterrado em uma mina após um acidente. Como lembra Berger: “Aqui o jornalista não é um herói nem a sua profissão é glamorosa: sua presença é impositiva e arrogante e sua conduta é imoral. E o jornal impresso é prova da manipulação das informações” (Berger, 2002:113). Em “O quarto poder”, temos, eticamente falando, uma situação parecida aos sermos apresentados à história de um repórter de TV (interpretado por Dustin Hoffman) que, também visando recuperar o prestígio de outrora na sua profissão, manipula um sequestrador (vivido por John Travolta), a mídia e a opinião pública, distorce os fatos e acontecimentos, durante a cobertura jornalística de um sequestro em um museu. Tal situação nos remete a Philip Meyer, quando observa que:

A informação é um bem tão precioso que organizações e indivíduos com interesses especiais a promover estão sempre tentando manipular seu fluxo para servir seus próprios fins. Os jornalistas encontram uma grande variedade de pressões vindas de uma grande variedade de direções (Meyer, 1989:272).

Se pensarmos na fundamentação da ética jornalística, na representatividade da mesma para a profissão, nas questões em torno dessa realidade levantadas por autores como Philip Meyer e Rogério Christofolletti, entre outros, pode-se afirmar que, em ambos os filmes, os personagens principais jornalistas forma antiéticos em suas atitudes ao distorcerem a realidade dos fatos pensando somente em si mesmos e esquecendo do seu comprometimento com o veículo de comunicação que trabalham e o público a que atendem com a produção do seu conteúdo.

ÉTICA JORNALÍSTICA EM “O QUARTO PODER”

Para nos aprofundarmos na discussão sobre essas questões, escolhemos analisar, entre os filmes citados, o longa de Costa-Gravas “O quarto poder”. Trata-se de um filme

hollywoodiano dirigido pelo premiado cineasta grego, naturalizado francês, famoso por suas obras politizadas. O roteiro é basicamente convencional, mas com uma sobriedade extremamente rica na abordagem dos fatos e na consequente reflexão sobre eles. “O quarto poder” mostra a história de um repórter, Max Bracket (Hoffman), em declínio na profissão, e que presencia uma situação em um museu: um ex-funcionário do estabelecimento, Sam Baily (Travolta) e que havia sido demitido devido a um corte de despesas feito pela administração do local, volta ao museu disposto a recuperar o antigo emprego. Numa atitude desesperada, pede o cargo de volta ameaçando a diretora do museu com uma arma. No momento que isto acontece, o museu está repleto de crianças em uma excursão escolar. O repórter, que se encontrava no local para uma pequena reportagem sobre as dificuldades financeiras pela qual a instituição passava, vê a chance de se aproveitar daquele momento e recuperar o seu prestígio como jornalista.

Analisando diferentes cenas do filme, podemos ter uma idéia ampla da sua representatividade. Por exemplo, logo após o início do sequestro no museu, a estagiária Laurie (interpretada por Mia Kirschner), e que auxilia Max Bracket naquela cobertura pergunta ao mesmo se deve chamar a polícia, o repórter responde que ela espere até que ele apure todos os fatos. A pergunta que fica é: não deveria o repórter, paralelamente à apuração dos acontecimentos, já ter acionado a polícia, uma vez que havia vidas em risco naquela situação? Ele estava pensando apenas no furo da notícia, esquecendo-se da integridade física dos envolvidos? Ao não chamar a polícia imediatamente, o jornalista distorce o andamento dos fatos em prol da realidade imaginada por ele, o que pode ser visto como uma falha ética grave. Logo em seguida, ao ver que Sam Baily era ingênuo, que o mesmo não tinha muita noção do que estava fazendo, o repórter se aproveita da situação e se torna o comandante das ações junto ao sequestrador e os reféns, ao invés de ficar na sua condição de vítima. Ele abusa da ignorância de Baily, manipulando-o em todos os sentidos, colocando palavras na boca dele, e dizendo exatamente o que ele tinha que falar em todas as situações, o que não condiz com a postura de um jornalista, com a profissão de repórter. As atitudes de Max Bracket se opõem a seguinte observação de Rogério Christofolletti: “Nesse sentido, agir com retidão e atuar com responsabilidade e comprometimento ético é tão importante quanto executar com precisão e correção as etapas de produção de uma notícia. No jornalismo, ética e técnica não se descolam” (Christofolletti, 2008:31).

Em outra cena, um segurança do museu, Cliff Williams, leva um tiro durante o sequestro e o repórter Max Bracket reclama com a sua estagiária, dizendo que ela deveria ter tirado uma foto do homem baleado no momento que prestou socorro ao mesmo. Bracket alega que, se essas imagens tivessem sido feitas, garantiriam altos índices de audiência. Isso reforça a idéia de que a vontade do personagem de Dustin Hoffman no filme é praticar o sensacionalismo ao extremo, promovendo-se em cima dessa realidade, manipulando a opinião pública, e não se preocupando com o bem estar dos envolvidos em toda a situação do museu. Em seguida, o segurança baleado está no hospital, internado, e uma repórter de TV de uma emissora concorrente da que trabalha Bracket se disfarça de médica e tenta conseguir uma entrevista com a esposa do ferido, que está na sala de espera. Nessa mesma linha de ação, há uma cena em que um suposto “melhor amigo” de Sam Baily, que na verdade não tem nenhuma proximidade real com o sequestrador, diz que o conhece muito bem e que ele é realmente um pouco estranho. Ambas as cenas reforçam a idéia de que não existem limites na guerra pela audiência entre as emissoras: há a repórter se fazendo passar por algo que ela não é (médica), incomodando a família do ferido em um momento reservado e difícil no hospital, e um “amigo” (hipotético) do sequestrador dando um depoimento sem veracidade em troca da possibilidade de ter seus minutos de fama e garantindo a audiência da emissora que não detinha a exclusividade na cobertura dos acontecimentos do museu. Em ambas as situações, pode-se dizer que as atitudes tomadas pelos profissionais da comunicação não estão de acordo com as condutas necessárias para se exercer de forma plena a profissão: ao fingir ser médica, a repórter está mentindo para a família da vítima na tentativa de conseguir uma entrevista, aproveitando-se do momento debilitado dos familiares. Enfim, esse não é o caminho correto de se realizar uma reportagem. Como também não é apresentar uma entrevista com uma fonte duvidosa (suposto melhor amigo) apenas para garantir a audiência, o que não está dentro das normas do jornalismo praticado com ética, comprometimento e responsabilidade.

Em um outro momento do filme, a rede de TV para a qual trabalha Bracket tenta negociar com ele para que o sequestrador se entregue à noite, em horário nobre, o que garantiria altos índices de audiência e bons patrocínios. Basicamente, os mandatários da TV e seu repórter, como se fossem donos do destino do sequestrador, decidem sobre a integridade física do mesmo, como se ele fosse de sua propriedade e não um cidadão com liberdade de escolha. Seguindo nesse mesmo raciocínio, vemos uma outra cena em que o principal jornalista da rede de TV em que Bracket trabalha, o âncora Kevin Hollander,

tenta tirar a cobertura do caso do museu do repórter. Bracket reclama da situação para a diretoria da TV, que sabendo da importância do repórter naquele momento como mediador dos acontecimentos no museu, lhe oferece em troca a promessa de um programa onde ele seria a estrela e teria toda a liberdade editorial. Em apenas algumas horas, por causa do sequestro no museu e da manipulação dos fatos envolvendo essa realidade, Max Bracket passa de um repórter fracassado a estrela principal do jornalismo da emissora com possibilidade de um programa próprio. Ou seja, temos aqui mais um exemplo de destinos sendo traçados, carreiras reestruturadas ou ainda mais desenvolvidas em cima da ignorância alheia, como a do sequestrador Sam Baily, que achava que tinha o controle da situação e do seu próprio bem estar.

Ainda se pensando na postura antiética dos profissionais que trabalhavam na cobertura do sequestro do museu para a mesma rede de TV do repórter Max Bracket, a estagiária, Laurie, assistente de Bracket, decide parar de ajudá-lo, deixando-o sozinho na condução e apuração dos fatos no museu, e ir trabalhar para o âncora Kevin Hollander. Impulsionado pela queda de sua credibilidade dentro da emissora de TV e pela perda de espaço para Max Bracket, o âncora, sem nenhuma ética ou respeito profissional, faz a oferta para a estagiária, até para aproveitar o material que a mesma tinha sobre o caso do sequestro, e ela aceita por saber que trabalhando com Hollander, jornalista muito conhecido pelo grande público, teria maiores oportunidades do que ficando ao lado de Bracket. Assim como o âncora não teve nenhuma consideração ao tentar tomar a cobertura dos acontecimentos do museu do repórter, a estagiária também não se preocupou com o colega de trabalho e simplesmente o abandonou. Essa passagem do filme mostra bem que a falta de ética não é somente dos profissionais dos meios de comunicação com entrevistados e noticiados, mas também entre os próprios comunicadores, uns passando por cima dos outros, e conseqüentemente abrindo a possibilidade de se comprometer o resultado do trabalho aguardado pelo público. Essas três cenas do filme apresentam de forma lúcida a idéia de que, em um mundo globalizado, cada vez mais competitivo, com uma velocidade de divulgação da notícia impressionante, os meios de comunicação e seus profissionais fazem de tudo para atingir os resultados necessários, que lhes garantam a estabilidade do emprego e do veículo, mesmo que para isso tenham que violar a conduta ética da profissão e os valores estabelecidos por ela. De acordo com Christofolletti:

Se a ética não contém uma materialidade de coisa, também não é só uma abstração, uma sombra. Ela é um conjunto de processos mentais e reflexivos que derivam em práticas concretas na vida. Pensamentos levam a julgamentos, que formam conceitos e que motivam ações. Essas ações acabam influenciando pessoas, incomodando outras, aliviando terceiras. Podem gerar benefícios ou prejuízos, cenários positivos e negativos. Um ato não se encerra nele mesmo. Há consequências. De novo, entra em cena a responsabilidade (Christofoletti, 2008:18).

Em uma determinada passagem do filme “O quarto poder” é mostrado o verdadeiro “circo” que se torna o lado de fora do museu, com pessoas vendendo camisetas com fotos do sequestrador e até barracas de frutas, como se fosse uma feira, além de todo o aparato da imprensa. Tudo isso motivado por toda a repercussão do caso pelos meios de comunicação, muitas vezes abusando do sensacionalismo, em cima de uma população, de um público carente por histórias que possam lhes tirar da sua rotina imutável, do seu cotidiano comum e que lhes façam acreditar que fazem parte de algo maior do que a sua própria realidade. Ainda se tratando dessa mesma temática e voltando ao personagem do filme que é baleado no sequestro e fica no hospital, o segurança Cliff Williams, temos uma cena que mostra que a emissora de TV que ofereceu mais dinheiro foi a que conseguiu a entrevista com o segurança no hospital. Isso mostra que não somente as emissoras de TV lucram com o sofrimento alheio, mas também a própria vítima, que, na sua recuperação, ganha dinheiro da TV que pagou mais para entrevistá-lo exclusivamente. Se pensando nessa cena e na verdadeira “feira” na frente do museu, naquele momento do filme, o repórter Max Bracket, a estagiária Laurie, o segurança Cliff Williams, os vendedores de camisetas, os feirantes, enfim, quase todos os envolvidos direta ou indiretamente na situação do museu, estavam lucrando em cima da ignorância do sequestrador que saiu de casa “apenas” querendo tentar conseguir seu emprego de volta e não imaginava que essa atitude, o desenrolar dos acontecimentos, a sua ingenuidade, fossem comprometer o seu próprio destino, beneficiando diversos estranhos que só queriam se aproveitar da sua desgraça. Aqui, “O quarto poder” se aproxima de “A montanha dos sete abutres”, isto porque no filme de Billy Wilder também vemos diversos personagens, incluindo familiares da vítima e autoridades locais (o xerife da cidade), aumentando os seus proventos diante do acidente que deixa um homem soterrado na mina que fica na base da montanha que dá título ao filme. Tanto Wilder quanto Costa-Gravas mostram em seus filmes que até mesmo em situações tensas, difíceis, catastróficas, a falta de humanidade pode prevalecer, os interesses pessoais diretos florescem e a boa conduta, o comportamento ético some diante da ganância alheia. Para Christa Berger:

A fabricação de espetáculos político-midiáticos é um processo que inclui a qualidade e a potencialidade passional necessárias à apropriação pelas mídias, e também, pelo sistema global de comunicações, organizações privadas, instituições públicas e sujeitos. Este é o aspecto inverossímil do filme mas justificado pelo tempo exíguo em que a sequência de acontecimentos se deu. Ou seja, o espetáculo não será constituído se apenas as mídias assim o desejarem. As mídias, os meios de comunicação massiva, funcionam como o suporte, como o lugar de celebração de todos os poderes. E todos os espetáculos são passíveis de serem repartidos e consumidos (Berger, 2002:237).

Voltando novamente o foco para “O quarto poder”, com o desenrolar do roteiro do filme, ocorre uma cena em que o âncora Kevin Hollander conversa com a estagiária sobre como difamar ainda mais a imagem do sequestrador através de depoimentos incisivos da família do segurança baleado e também envolvendo-o negativamente em questões raciais com grupos humanitários. Isso tudo visando não somente difamá-lo, mas matá-lo em horário nobre, atingindo o pico máximo da audiência. Mais uma vez o sequestrador Sam Baily é tratado como propriedade dos profissionais de TV, podendo ser manuseado de acordo com a vontade dos mesmos, em ações que não condizem com a postura de profissionais do jornalismo. No meio desses acontecimentos, o âncora e o repórter Max Bracket continuam travando o seu duelo pessoal, pensando apenas em si próprios e nas suas carreiras, e ignorando o seu compromisso com a veracidade da notícia e com o público que os assiste. Isso com o consentimento dos donos da TV, que após assistirem ao material apresentado ao vivo pelo âncora Kevin Hollander com a ajuda da estagiária, que editou e distorceu a autenticidade das entrevistas, vêem a audiência subir ao extremo e deixam que essa “batalha” entre âncora e repórter prevaleça ao invés de se preocuparem com o que realmente deveria ser noticiado, a situação dentro do museu e o bem estar dos reféns, aquilo que era o mais importante dentro das diretrizes básicas do jornalismo bem feito e que não pode ser confundido com as disputas pessoais dos protagonistas.

DE MANIPULADOR A MANIPULADO

No final de “O quarto poder”, após uma explosão dentro do museu e da morte de Sam Baily, toda a situação vira um “show” ainda maior. Isso porque Max Bracket se torna vítima da situação criada por ele próprio. Com a morte do sequestrador, ele passa a ser protagonista, aquele a ser manipulado e não mais aquele que manipula, o produto a ser explorado pela imprensa sedenta por personagens que aumentem os seus índices de audiência. No fim, com a cara cheia de sangue e completamente desnorreado no meio das câmeras, fica a impressão de que o repórter Max Bracket finalmente percebe todo o

espetáculo midiático, sensacionalista, armado por ele e diz: “nós o matamos”. Reconhecendo que, na sua ambição, ao manipular todos os envolvidos na situação do museu, ele ajudou a levar à morte o sequestrador Sam Baily, arruinando a si mesmo, a sua carreira, e provando que a imprensa, os meios de comunicação, têm realmente o poder de decidir o destino das pessoas, instituições, governos, utilizando o seu maior trunfo que é a opinião pública e faltando com a ética jornalística se necessário. Segundo Berger:

Jornalismo e cinema vão se enredando e se afirmando como os dois grandes meios de comunicação de massa do final do século, compartilhando a responsabilidade de dar a conhecer o mundo (o jornalismo) e as representações sobre ele (o cinema), ou comentando as imagens oferecidas nos filmes através da crítica cinematográfica impressa e refletindo, pelas imagens, a atividade de noticiar (Berger, 2002:37).

Para concluir, vale lembrar que “O quarto poder” é constantemente considerado uma espécie de refilmagem de “A montanha dos sete abutres”, o que tem fundamento pela proximidade de ambos os roteiros em que vemos dois repórteres buscando se reafirmar na profissão através de atitudes antiéticas e da distorção da realidade dos fatos. Mas se pensarmos que o filme de Costa-Gravas trata da televisão, um meio de comunicação mais ágil na divulgação da notícia, atual, e que permite o estabelecimento de heróis e vilões, reviravoltas, com a mesma velocidade de acontecimento dos fatos, veremos que, apesar das semelhanças com o filme de Wilder, estamos diante de uma obra original, singular, e que se desenvolve sozinha no seu próprio universo de incertezas e vaidades.

REFERÊNCIAS

BERGER, Christa. *Jornalismo no Cinema*. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

BENSE, Fabio. *O Quarto Poder é burocrático*.
<http://cinedebate.sites.uol.com.br/quartoc.htm>. Acessado em 15/01/2012.

CARDOSO DE PAIVA, Cláudio. *Os jornalistas, a televisão & outras mídias no cinema*.
<http://www.insite.pro.br/2008/07.pdf>. Acessado em 26/01/2012.

CONFEDERAÇÃO DO ELO SOCIAL BRASIL.
<http://www.elosocial.org.br/docs/apostila.pdf>. Acessado em 26/01/2012.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. *Ética no Jornalismo*. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

MEYER, Philip. *A ética no jornalismo*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

SENRA, Stella. *O último jornalista – imagens do cinema*. São Paulo: Estação Liberdade, 1997.

FILMES CITADOS

A montanha dos sete abutres (*Ace in the Hole*, EUA, 1951) Dir: Billy Wilder

O Quarto Poder (*Mad City*, EUA, 1997) Dir: Costa-Gravas

O Informante (*The Insider*, EUA, 1999) Dir: Michael Mann

Todos os Homens do Presidente (*All the President's Men*, EUA, 1976) Dir: Alan J. Pakula